

***Exemplum*, infância e manipulação discursiva em “O menino”, narrativa
amazônica oral**

Elenilda do Rosário Costa¹

Alessandra F. Conde da Silva²

RESUMO: A narrativa, segundo José Luiz Fiorin, está estruturada numa sequência canônica, dividida em quatro fases, as que o autor identifica como manipulação, competência, *performance* e sanção. Este artigo pretende estudar tais sequências, na narrativa oral bragantina “O menino”, pertencente à coletânea de narrativas orais do projeto IFNOPAP, intitulada *Um portal para Bragança*. Neste texto, as personagens são peregrinas e percorrem um caminho de rupturas do protocolo cristão, ainda que, ao final, o discurso religioso impere o que revela a força do *exemplum*. Por ser uma narrativa exemplar, texto e metatexto estão presentes segundo esclarece Todorov. Este, Fiorin, Le Goff e ainda outros, nos trarão a base teórica para a realização deste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: “O Menino”; Sequências canônicas; *Exemplum*

Introdução

Diz José Luiz Fiorin (2002, p. 22) que a narrativa se estrutura numa certa sequência canônica, dividida em manipulação, competência, *performance* e sanção. Na fase da manipulação, como o próprio nome diz, há um poder agindo sobre o outro, portanto está em questão o dever e não propriamente o querer do sujeito. Desta forma, os tipos mais comuns da manipulação, segundo o linguista, são “tentação, intimidação, sedução e provocação” (FIORIN, 2002, p. 23). Na fase da competência, o sujeito, capaz de realizar a transformação da trama central da narrativa, é aquele “dotado de um saber e/ou poder fazer” (FIORIN, 2002, p. 23). A transformação essencial ocorre na fase da *performance*. Aqui a narrativa passa de um ciclo a outro. A sanção, última fase da sequência canônica, revela se a *performance* se realizou ou não e, “por conseguinte o reconhecimento do sujeito que operou a transformação” (FIORIN, 2002, p. 23). Nesta fase há o coroamento dos “heróis” e os castigos dos “vilões”.

Todorov em *As estruturas narrativas* (2006) considerou a narrativa como constituída na tensão de duas forças. Uma delas é a mudança progressiva, a outra é o caos da mudança tentando fazer sentido. Para tentar organizar o caos, por exemplo, da

¹ Graduanda do curso de Letras (Língua Portuguesa) na UFPA helen_costa@hotmail.com

² Mestre em estudos literários pela UFES afcs77@hotmail.com

narrativa “O menino”³ tomaremos como veículo de análise as sequências canônicas que Fiorin nos apresentou. Estas representam esquemas pertencentes à narrativa que enfocam “uma série de enunciados de fazer e de ser (de estado⁴) [que] estão organizados hierarquicamente”, compondo então uma “sintaxe narrativa” (FIORIN, 2002, p. 22).

Na narrativa amazônica bragantina oral “O menino”, coletada pelo projeto IFNOPAP, podemos ver que, a partir do enunciado, ocorre uma sequência canônica, permitindo-nos entender a estrutura em que foi formulada a história. A personagem chamada de “o menino”, é o sujeito central da trama, manipulador e transgressor da ordem, porém mantenedor do discurso dominante. Narrativa pesada e de constante movimento, o mistério ronda cada acontecimento. Aliás, são as constantes quebras do protocolo que estruturam a história, alicerçada no longo caminho percorrido por um padre e um menino.

Por se tratar de um texto da cultura popular, notamos que, embora seja uma narrativa exemplar, as rupturas existentes revelam a marca do discurso popular, por vezes contestador, transgressor, risível, cômico, ao mesmo tempo que mantenedor do discurso dominante. Esse caráter contraditório que atestam Marcos e Maria Ignez Ayala (1995, p. 58) é o que será visto em “O menino”.

Exempla, infância e manipulação discursiva em “O menino”.

As narrativas de tradição oral tem a capacidade de transmitir valores e regras morais que levam à reflexão dos comportamentos cotidianos de uma sociedade. “O menino” é uma narrativa que nos permite observar e estudar estes comportamentos sociais, ou melhor, o discurso⁵ sócio-cristão. O menino, personagem da narrativa bragantina, levanta relações conflitantes do ponto de vista cristão, uma vez que age

³ “O menino” faz parte da coletânea de narrativas orais coletadas pelo projeto IFNOPAP, chamada “Um portal para Bragança” (2001).

⁴ Os enunciados de estado são aqueles que estabelecem uma relação de conexão “(conjunção ou disjunção) entre um sujeito e um objeto” (FIORIN, 2002, p. 21). Por apresentarem dois enunciados, há conseqüentemente, segundo o autor (FIORIN, 2002, p. 21) dois modos de narrativas mínimas: a de privação e a de liquidação de uma privação. Naquela, ocorre um estado inicial de união do sujeito com o objeto e um estado final, separando sujeito de objeto. Nesta, ocorre o inverso; lembrando que não se deve assinalar sujeito com pessoa e nem objeto com coisa. Quanto aos enunciados de fazer são aqueles que mostram as mudanças correspondentes “à passagem de enunciado de estado a outro” (FIORIN, 2002, p. 21).

⁵ O discurso, por contraste, é definido como “toda enunciação supondo um locutor e um ouvinte, tendo o primeiro a intenção de influenciar o outro de algum modo” (TODOROV, 2006, p. 59). O discurso religioso “é exemplo de manifestação em que ocorre a presença do autoritarismo discursivo (...) o homem faz falar a voz de Deus” (TORRESAN, 2007, p. 96).

contra os protocolos religiosos. Assim, esta narrativa permite-nos repensar sobre os conceitos configurados no texto, no tocante ao certo e ao errado. Neste universo, paira o discurso dominante da Igreja Católica. Todavia, a moral religiosa na narrativa é questionada mediante práticas sociais subversivas, uma vez que coloca em jogo a integridade cristã, como veremos.

Seguindo a sequência canônica que nos ensina Luís Fiorin, já descrita acima, faremos um passeio por uma narrativa que, é para nós, um grande *exemplum*. Segundo Le Goff, *exemplum* “é uma narrativa breve, dada como verídica e destinada a se inserir num discurso (em geral um sermão) para convencer um auditório com uma lição salutar” (2004, p. 9). Tal narrativa é, acima de tudo, um caminho de sabedoria, somente entendida assim, no final da história.

Por ser um caminho de sabedoria, a narrativa precisa de “sua própria glosa”, como define Todorov (2003, p. 168) sobre “A demanda do Santo Graal”. Se na Demanda era um homem sábio quem deveria esclarecer os mistérios aos cavaleiros sobre as suas aventuras, em “O menino” é de competência do menino-anjo esclarecer os mistérios. Curiosamente, este menino-anjo tem a proeminência de agir e explicar as próprias ações. Diferente do que acontecia nas histórias do Graal (TODOROV, 2003, p. 169).

Em “O menino”, o significante e o significado estão lado a lado, ou seja, há tanto as narrativas sobre os três mistérios, ou atos do menino, quanto à explicação desses atos, na narrativa maior. Todorov (2003, p. 170) fala em texto e metatexto, pois significantes e significados, mistérios e interpretações são narrativas, assim, “a narrativa de uma aventura significa outra narrativa; são as coordenadas espaço-temporais do episódio que mudam, não sua própria natureza” (TODOROV, 2003, 170). Há então narrativas para interpretar e interpretações.

Se tomarmos “O menino” como um tipo exemplar, porque é didático e com o objetivo de revelar um “pensamento em causa” (LAUSBERG, 1993, p. 249) podemos pensá-la tanto como um texto e metatexto, quanto narrativas a interpretar e narrativas de interpretação. Essas precisam ser fáceis, sem mistério. Lembremos que “a história [precisa ser] breve, fácil de ser lembrada, [e] convence[r]” (LE GOFF, 2004, p. 9).

Para entendermos melhor colocamos abaixo a narrativa oral “O menino”:

O menino parecia um demônio. Mas, não era...

Essa conversa de que ser padre é pra toda vida, eu não acredito. Mas vê lá que Deus não desfaz de ninguém, e mesmo aos que abandonam a batina, talvez por mal grado ou desatino, Ele ainda cuida e olha por eles.

Eu mesmo sei de um caso desses, de um padre que se cansou e largou da batina, e se pôs a andar por este mundéu. Viajava só, até que um dia lhe apareceu no caminho um menino, pedindo para seguir viagem com ele:

- Padre, eu vou com o senhor...

- comigo? Eu não quero ninguém comigo, eu vou só.

- Mas, eu vou lhe acompanhar padre.

- Eu não quero, menino. Volta, vai-te embora pra tua casa. Teus pais não sabem onde é que tu estás. Estão preocupados. Não podes ir comigo.

- Pois eu vou.

O menino insistiu e o padre, cansado de tanta teima deixou. Caminharam até encontrarem uma casinha, onde moravam um homem e uma mulher, que estava pra dar à luz.

Alta noite, a mulher sentiu as dores e, depois de um tempo, teve a criança. Mas não durou por muito tempo. Quando todos já começavam a dormir, ouviu-se o griteiro da mulher.

- meu filho morreu, meu filho morreu...

Foi uma tristeza. Acabaram de passar a noite, e o padre foi-se embora cedo, com o menino que o acompanhava. Numa certa altura da viagem, o menino que até então estava calado, falou:

- Padre, vou te dizer uma coisa, fui eu que matei o filho da mulher.

- Mas como? Porque fizeste isto? Pelo amor de Deus vai-te embora para tua casa. Eu não te quero mais comigo.

Só que o menino continuou a seguir o padre, mesmo contra a vontade dele. Andaram, andaram até chegar num outro casebre, onde morava um casal de velhos. A velhinha preparou o que tinha que comer para todos. Quando acabaram de comer, a velha foi lá numa prateleirazinha e trouxe um copo de ouro. Botou no meio da mesa e deu água pro padre. O menino ficou olhando, e quando a velha guardou o copo, ele prestou atenção. Depois de prosear um pouco, todos foram dormir.

No outro dia, se despediram e seguiram viagem. Lá adiante, quando já estavam o bastante para não mais voltar, o menino enfiou a mão em sua sacolinha e falou:

- Olha padre, o que eu tirei da velha.

- Menino, pelo amor de Deus, tu andas comigo só para fazer o que não presta?

- Não, padre, nem tudo é como a gente pensa. Deixa estar que tu verás.

O padre, desconfiado, continuou a viagem com o menino. Chegaram então numa bela fazenda, onde pediram abrigo. O dono era muito rico e muito mau. Mas como era tarde, deixou que ficassem, para pensar o que fazer com eles no dia seguinte. Quando amanheceu, o menino foi ter com o fazendeiro e deu para ele o copo de ouro que havia tirado da velha.

O homem agradeceu e falou:

- Vocês não conhecem estas paragens. Vou mandar um peão meu junto com vocês pra lhes ensinar o caminho.

O padre agradeceu a bondade do fazendeiro e seguiram viagem. Quando chegaram numa ponte, o peão mandou que o padre e o menino passassem na frente. Mas o menino não foi, e nem deixou o padre ir, mandou que o peão continuasse na frente, para ensinar bem o caminho. Só que, no meio da ponte, o menino empurrou dentro do rio, e ele morreu afogado. O padre excomungou o menino, e queria manda-lo embora a todo custo. E foram assim, discutindo, até chegar numa encruzilhada, e então o menino falou:

- Padre, é aqui que nossos caminhos se separam. Mas antes vou te contar uma coisa. Eu matei aquela criança porque, quando ele crescesse, ele ia matar a mãe dele. E o copo que eu tirei da velhinha, foi para salvá-la do inferno. Aquele copo era o que havia sobrado do tempo em que ela era moça e rica, e que ela guardava com orgulho, porque ninguém naquelas

paragens tinha nada igual. Eu entreguei o copo para aquele fazendeiro porque ele já tá perdido mesmo, não tem mais salvação. Sabe o peão que ele mandou nos acompanhar? Pois eu o matei porque ele vinha com ordens do fazendeiro pra acabar com a gente quando chegasse no rio.
 - E como é que você sabe de tudo isto?
 - porque eu sou seu anjo da guarda, e vim lhe proteger. Agora eu me retiro. Nos veremos um dia, no dia do juízo final.
 E lá se foi o menino, deixando o padre de boca aberta na beira do caminho.

Vejamos que há uma narrativa maior (“O menino”) que engloba outras três menores (morte da criança; copo de ouro e morte do peão); todas estas são narrativas exemplares, o que nos conduz à noção de *exemplum* descrito por Le Goff, como vimos. Entretanto, ainda que as três pequenas narrativas possam ser consideradas pequenos *exempla* é somente no final da narrativa maior que o sentido, ou moral da história nos é revelado. Podemos, seguindo Todorov, tratá-los por textos e metatexto.

Cada uma das três pequenas narrativas tem algo a ensinar ao padre. Do ponto de vista da narrativa, uma vez que o discurso empregado é essencialmente cristão, considera-se que o caminho a ser percorrido pelo padre, era um caminho de aprendizado. Cada pequena narrativa exemplar é uma experiência, uma transformação, uma mudança, intermediada e provocada pelo menino. Então nos perguntamos quem é o menino e qual o seu papel na narrativa?

No final da história descobrimos tratar-se de um anjo. No entanto, considerando os três *exempla* presentes no texto maior, o menino mostra-se em quase toda a narrativa como um pícaro⁶, um menino com jeito malandro, que na tentativa de instruir o padre, mata e rouba. É um menino-diabo. Muito semelhante a ele é Lazarillo⁷, um garoto de conduta duvidosa que engana, mente e manipula o seu amo. A similaridade entre os dois meninos, ou melhor, entre as duas narrativas se dá com a presença do caráter pedagógico, instrutivo, evidente em ambas as narrativas, ora, com o menino que por meios anticristãos tenta doutrinar o padre para uma vida cristã (eis aí um paradoxo!), ora com Lazarillo que, enquanto criança, precisa de alguém que o eduque e proteja, o que na verdade nem sempre acontece com os amos de Lazarillo. E aí também está a diferença entre o menino da narrativa oral bragantina e Lazarillo, em razão de que o primeiro tem a função de instruir alguém; o segundo é instruído (ou pelo

⁶ Pícaro, segundo Antônio Candido, “é ingênuo; a brutalidade da vida é que aos poucos o vai tornando esperto e sem escrúpulos, quase como defesa” (1978, p. 319).

⁷ *A vida de Lazarillo de Tormes* é uma obra espanhola anônima de 1554. Um subgênero literário narrativo da ficção em prosa, na maioria das vezes satírico e que narra de modo realista e constantemente cômico (CARRETER, 1972).

menos os amos dele tentam), uma vez que as circunstâncias fazem dele um garoto pitoresco, tentando sobreviver numa sociedade corrupta.

Mediante malandragem, tanto o menino quanto Lazarillo se valem deste artifício para cumprir suas missões. O menino, até que cheguemos ao fim da narrativa maior, é considerado desonesto, uma vez que toma pra si o direito de matar e roubar, causando mal a pessoas “boas”. Quanto a Lazarillo, a malandragem é o meio que ele arranjou para sobreviver numa sociedade imoral.

Assim, se olharmos com olhos cristianizados, iremos perceber que o menino embora fosse anjo, não tomou para si os comportamentos cristãos, ou seja, deixou de lado os sentimentos e valores do cristianismo que só nos aparecerão no final da narrativa maior. A partir de então, o menino percorre, juntamente com o padre, um caminho de sabedoria, fazendo com que qualquer julgamento de valor seja desfeito, segundo a moral cristã. Isso parece constituir uma contradição, pois os protocolos religiosos são desfeitos nos três *exempla* não exemplares. Eles só se tornarão exemplares com o desfecho da narrativa maior, como já vimos, quando o metatexto for apresentado.

A moral da história, por se tratar de texto com discurso religioso, afirma que, embora o padre tivesse largado a batina, Deus não desfaz de ninguém e, por isso, coloca ao seu lado um garoto para lhe ensinar que nem tudo é o que parece e também para lhe proteger do mal.

Não devemos nos esquecer de que a linguagem do *exemplum* é a alegórica. Para a narrativa, significa dizer que há tanto um sentido literal, quanto alegórico: “dois em um” (TODOROV, 2003, p. 175). É isso o que o menino é: dois em um (menino-anjo, menino-diabo).

Como atesta Le Goff (2002, p. 9) sobre o *exemplum*, ele comove, dramatiza e convence, tal qual vemos na narrativa oral bragantina. Ora, ela comove na medida em que observamos cada narrativa menor, em sua estrutura anticristã. Não nos é comum saber que tais maldades são realizadas por uma criança, uma vez que infiltrados em nossa mente temos, como ideal perfeito, crianças dóceis, amorosas, incapazes de realizar tais atos; não são as crianças “um poço de virtudes”, segundo preceitua o senso comum? Ela dramatiza no sentido de que todas as pequenas histórias são dramáticas, como, por exemplo, a da mãe que perde seu filho ou não era um drama o que vivia o padre? E, por fim, convence na medida em que a sociedade – consideremos tanto o padre, quanto,

talvez, o leitor – percebe que os atos do menino estão em desacordo com o ideário social. Logo, juízos de valor são manifestados pelo padre, ainda que de forma precipitada, ao menos em relação às três narrativas menores. Sobre isso, o menino chama a atenção ao padre, dizendo-lhe não entender o que acontecia: “- Não, padre, nem tudo é como a gente pensa. Deixa estar que tu verás” (O MENINO).

Além disso, o menino quer a todos convencer. Convence por ser criança e, mais tarde, por ser anjo, que com seu discurso religioso nos remete à voz de Deus, sugerindo que a ideologia do discurso cristão permite a ele o direito de cometer tais atos, como já sabemos. Quanto à narrativa maior, o convencimento é da presença inegável e constante de Deus. Em resumo, há sempre pequenas tragédias em cada relato, com o intuito educativo.

A partir das relações atestadas por Le Goff, acima detalhadas, notamos que há similaridades com a sequência canônica de Fiorin. Lembremos que o autor (FIORIN, (2002, p. 22) fala de quatro fases: a da manipulação, a da competência, a da *performance* e a da sanção. São estas que trabalharemos no quadro a seguir.

Quadro 1⁸:

| “O menino” | | | |
|---|--|--|---|
| Manipulação (por ordem) | Competência | <i>Performance</i> | Sanção |
| Há a manipulação por parte do menino, quando este se vale da insistência em viajar com o padre. Ex.: “padre, eu vou com o senhor...” | O menino tem um poder divino, no qual se ampara para fazer atos cruéis. Por sua vez se vale do poder de ser o anjo da guarda do padre. Ex.: “porque eu sou seu anjo da guarda, e vim lhe proteger.” | Ocorre transformações gradativas a cada momento em que o menino informa ao padre o feito realizado. Ex.1: “Padre, vou te dizer uma coisa, fui eu que matei o filho da mulher.” Ex. 2: “Olha padre, o que eu tirei da velha.” Ex.: 3 “no meio da | Constatamos aqui a o resultados das transformações ocorreram na fase anterior (<i>performance</i>) e a sua consequência. Ex.: “Porque eu sou seu anjo da guarda, e vim lhe proteger. Agora eu me retiro. Nos veremos um dia, no dia do juízo final.” |

⁸ O quadro 1 refere-se à narrativa como um todo, ou seja, a narrativa maior. As pequenas narrativas serão analisadas num próximo quadro.

| | | | |
|--|--|--|--|
| | | <p> ponte, o menino empurrou dentro do rio, e ele morreu afogado” </p> | |
|--|--|--|--|

O quadro acima mostra, mais claramente, como as sequências se encaixam na narrativa, ou como a(s) narrativa(s) se encaixam nas sequências. Vejamos: a fase da manipulação fica mais evidente quando o menino insiste em acompanhar o padre na viagem e, embora ele diga que não o quer por perto, ele [o menino] persiste na afirmação “pois eu vou” (O MENINO). Ora, toda essa manipulação permite a noção de que há um poder concedido a ele; e fato é que, sobre o menino, paira uma capacidade, ou melhor, uma competência “sobrenatural”, no sentido de que pertence ao plano divino, pois no final conhecemos que o menino, dito demônio no início, é agora um anjo, um ser divino, protetor de outro sujeito. Mas, é entre o início e o fim que a fase da mudança ocorre; na *performance* percebemos que os exemplos dados no quadro acima, revelam acontecimentos que fazem a narrativa mudar de um plano a outro. O próprio padre muda de estado mediante o que ouve do menino. A partir de então, as mudanças de estado levam a narrativa ao ponto final e crucial. A sanção nos mostra a razão, o motivo pela qual a *performance* acontece e, deste modo, compreendemos que todas as transformações ocorridas tem um sentido mais amplo do que realmente parece; se o menino mata por duas vezes e rouba é para dizer que, embora os meios sejam anticristãos, a intenção é cristianizada, uma vez que, o objetivo é ensinar ao padre uma doutrina, ainda que para isso tenha de percorrer caminhos tortuosos. No final, sabemos, há a consagração do herói e a mudança de estado do menino de demônio a santo.

Além da narrativa maior, que adequamos às sequências de Fiorin, há ainda a existência de outras três pequenas narrativas que devemos analisar de igual forma no quadro 2.

Quadro 2:

| Narrativas menores | | | |
|--------------------|---|--------------------------------------|---|
| | Narrativa (1º) Morte da criança | Narrativa (2º) Roubo do copo de ouro | Narrativa (3º) Morte do peão |
| | Há a manipulação do menino, a partir do | O menino manifesta sua | O ato de dar o copo roubado da velha ao fazendeiro é um |

| | | | |
|--------------------|--|---|--|
| Manipulação | momento em que ele mata a criança, revelando a autoria do crime, mas sem revelar o motivo que só será conhecido no futuro. | manipulação no momento em que observa a velha guardando o copo e se põe no direito de roubá-lo, deixando no ar uma incógnita. | ato de manipulação do menino em relação ao fazendeiro e, há também manipulação da parte do menino em relação ao padre, proibindo-o de passar na frente do peão, ao mesmo tempo que conduz o peão a seguir em frente. |
| Competência | O menino sabe que é um anjo. (O leitor só saberá na fase final da narrativa) | O menino sabe que “pode” roubar. Porque? (Só sabemos no final da narrativa). | O menino sabe que pode matar e que tal ato é justificável. (Julgamento de valor em declarar quem está salvo ou não). |
| <i>Performance</i> | O bebê da mulher morre (Transformação). | O menino rouba o copo de ouro da velha. | A transformação ocorre no momento da morte do peão. |
| Sanção | O menino fala para o padre que matou o bebê, mas deixa em aberto a explicação do ato. | O menino mostra para o padre o copo que roubou da velha. O padre manda o menino embora por realizar tal ato. | O padre vê o menino empurrar o peão no rio e excomunga o menino, mandando-o embora mais uma vez. |

Cada narrativa descrita acima nos revela atos realizados por um menino que, além de proteger o padre do mal, tenta doutriná-lo. Nosso espanto é, contudo, a revelação de que tais atos, maléficos, são realizados por uma criança. Ora, entende-se a infância como um tempo de inocência, de fantasia; por conseguinte, não se espera que atos tão bárbaros como matar e roubar sejam executados por um garoto. Todorov citou certa vez que a significação dos atos é válida de acordo com a narrativa, “os mesmos atos têm, muitas vezes, um papel diferente em narrativas diferentes.” (TODOROV, 2006, p.36). O julgamento que fazemos do garoto no decorrer da narrativa, não mais faz sentido quando chegamos ao final desta, pois todo comportamento infantil tem uma

explicação. Além disso, “O menino” por se tratar de um *exemplum* é “uma historieta edificante” (LE GOFF, 1985, p. 151).

Assim como ocorrido na narrativa maior, faremos aqui os nossos comentários a respeito das três pequenas narrativas não exemplares.

A fase de manipulação corresponde a uma série de atos cometidos pelo menino na tentativa de manter a situação sobre seu controle. Na primeira pequena narrativa o garoto mata o bebê que a mulher havia dado à luz há pouco tempo; o menino, na medida em que revela seu ato ao padre e não esclarece o motivo de tal barbárie, está nos confrontando com seu poder manipulativo. É um tipo de provocação.

Na segunda casa onde fica abrigado com o padre, o garoto rouba um copo de ouro da dona da casa. Pelos olhares cristãos, o roubo não se enquadra nos preceitos religiosos. Desta forma, o poder manipulador do garoto age sobre todas as pessoas envolvidas na segunda narrativa, ora porque se dá ao direito de roubar e, portanto, quebra os protocolos divinos, ora porque conta ao padre o acontecimento por meios termos. Na última narrativa há que se perceber a manipulação do menino em relação ao fazendeiro no momento em que aquele dá a este o copo de ouro roubado da velha. Parece-nos que uma ordem está sendo posta sobre o fazendeiro, haja vista que no fim da narrativa maior (O MENINO) saberemos que o menino, agora anjo, faz um julgamento sobre o fazendeiro, “Eu entreguei o copo para aquele fazendeiro porque ele já tá perdido mesmo, não tem mais salvação”.

No entanto, não acaba aqui a manipulação do menino. Em relação ao padre, esta ocorre no momento em que o garoto o proíbe de passar na frente do fazendeiro, na verdade, ocorre uma manipulação dupla por ordem, uma vez que o menino ordena ao padre que não passe na frente do peão, ao mesmo tempo em que ordena ao peão que prossiga.

Na fase da competência, o sujeito da narrativa é dotado de um “poder fazer” e também um “saber” (FIORIN, 2002, p.23). É, portanto, isso que lhe ajudará a executar suas manipulações com competência. Ora, o menino é dotado de um “saber que é anjo” e, por este motivo, faz todas as artimanhas para ensinar ao padre uma lição. Nas pequenas histórias ele se vale de outros saberes como, roubo e morte, ainda que permaneça impune. Sua condição de anjo, com um propósito divino, o livrará de quaisquer castigos.

Mudanças ocorrem na fase da *performance*. É a partir deste momento que a narrativa muda de um plano a outro, ou seja, o menino já está capacitado para agir, embora padre e leitor não tenham consciência do “poder fazer” e “saber” do menino. No quadro 2, os momentos de transformações ocorrem em: na 1ª narrativa quando o menino mata o bebê; na 2ª, quando rouba o copo de ouro da velha e por fim, na terceira narrativa, quando mata o peão. Todas estas são mudanças gradativas que cooperam para que haja entendimento da narrativa como um todo.

Por fim, na fase da sanção, constatamos o motivo pela qual a *performance* acontece e o resultado de cada transformação. Por conseguinte, nesta fase verificamos que o menino, na primeira narrativa, depois de cometer o assassinato do bebê, conta ao padre tal feito; todavia, como a fase da sanção também é o momento em que os heróis são premiados e os vilões são castigados, não podemos aqui conferir um suposto castigo para o menino, mas, de certa maneira, há a intenção do padre de punir o menino todas as vezes que este o informa de seus feitos não cristãos. Nas três pequenas narrativas o padre sempre ordena ao menino que o deixe.

Todo o desenrolar com as sequências atestadas por Fiorin e as relações ditas por Le Goff nos ajudam a mostrar como, por meio do discurso se configurou a tendência à manipulação da personagem o menino no conto homônimo.

Os preceitos religiosos nem sempre, segundo a narrativa “O menino”, são transparentes e perfeitos, uma vez que o garoto da narrativa, na concepção de instruir o padre, causa privações às pessoas presentes no seu trajeto com o religioso, o que nos remete à afirmação do contraditório da cultura popular atestado por Marcos e Maria Ignez Ayala (1995, p. 58). Neste caso, ao mesmo tempo em que a cultura popular reproduz e mantém os discursos e práticas sociais da classe dominante, simultaneamente também a contesta. Na transgressão dos protocolos cristãos vemos essa ruptura, ainda que no final da narrativa, a cultura cristã, dominante, seja reproduzida e, portanto, mantida.

Por seu turno, há uma tensão em “O menino”. O sagrado e o profano abraçam-se na mesma narrativa, mas este é manipulado por aquele. Todorov (2003, p. 178) afirma que textos exemplares, como os da Demanda, apresentam duas lógicas: a narrativa e a ritual. Na primeira, a noção de submeter à prova, de possibilidades de acontecimentos são a sua marca. Aqui há possibilidade de desequilíbrio. Na segunda, todos os passos das personagens estão delimitados pela estrutura do ritual; eles são

previsíveis e todas as sequências rituais servem para estabelecer a ordem. Vemos, então, que um discurso ritualístico controla, manipula as três narrativas de “O menino”. O menino é um embuste. Ele, em oposição ao texto bíblico, se reveste de trevas para fazer brilhar a luz.

Considerações finais

A narrativa oral bragantina “O menino” é, ao mesmo tempo, uma narrativa da transgressão e da manutenção do discurso religioso. Essa relação contraditória pode ser vista nas três narrativas menores presentes na narrativa maior de “O menino”. São as rupturas protocolares do discurso cristão que chamam a atenção em uma narrativa que no final se quer exemplar. A comparação aos *exempla* medievais conceituados por Le Goff é inegável. Além disso, para entendermos em que bases o discurso cristão foi transgredido, fez-se necessário adequarmos a narrativa às sequências canônicas ditas por Fiorin: manipulação, competência, *performance* e sanção .

O menino com seu poder de manipulação e convencimento sobre o padre e demais personagens tenta mostrar que todas as suas ações podem ser justificadas, ainda que elas sejam quebras dos protocolos cristãos. No final, como vimos, o discurso cristão renasce e o que seria um contraponto é, na verdade, *exemplum*. Em outras palavras, os meandros narrativos tortuosos, segundo o ponto de vista cristão, são textos a procura de metatextos, uma vez que fazem parte de uma narrativa exemplar.

Referências

- ANTÔNIO, Candido. Dialética da Malandragem caracterização das Memórias de um sargento de milícias. In: *Revista do Instituto de estudos brasileiros*. São Paulo, N° 8, p. 67-89, 1970.
- AYALA, Marcos & AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura popular no Brasil: Perspectiva de análise*. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1995.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2002.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica literária*. Tradução: R. M. Rosado Fernandes. 3ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.
- LÁZARO CARRETER, Fernando. *Lazarillo de Tormes en la picaresca*. Barcelona, Ariel. 1972.
- LE GOFF, Jacques. *A bolsa e a vida*. Tradução: Rogério Silveira Muoio. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval*. Tradução: José António P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1985.
- PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução: Jasna P. Sarhan, Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1984.

SIMÕES, Maria do Socorro. Coord. IFNOPAP: O Menino. In: *Um portal para Bragança*. Belém: Made With Macromedia, [S.d]. 1 CD-ROM, 2001.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução: Leyla Perrone-Moiés. 4ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TORRESAN, J.L. *A manipulação no discurso religioso*. São Paulo: Dialogia, 2007.

ABSTRACT: The narrative, according to José Luiz Fiorin, is structured in a canonical sequence, divided into four phases, which the author identifies as manipulation, competence, performance and sanction. This article intends to study such sequences, in oral narrative bragantina "O menino", belonging to the collection of oral narratives of IFNOPAP project, entitled *Um portal para Bragança*. In this text, the characters are outlandish and walk a path of disruptions of the protocol Christian, and even that, in the end, the religious speech prevail which reveals the strength of the *exemplum*. By being a narrative copy, text and metatexto are present second clarifies Todorov. This, Fiorin, Le Goff and still others, bring us the theoretical basis for this study.

KEY WORDS: "O menino"; Canonical sequences; *Exemplum*.